

A INFLUÊNCIA DA EMOÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Priscila **MARTINS FALETI**¹

Prof^a Me Maiara Medeiros **BRUM**²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar como as emoções influenciam na aprendizagem e identificar o que o docente pode fazer para que essas emoções interfiram de forma menos prejudicial na aprendizagem. Pretende-se aqui compreender como trabalhar com os alunos se suas emoções estiverem abaladas, sendo interligadas com o humor, a memória e sentimentos. As emoções, quando muito alteradas, podem gerar um impacto negativo diante da aprendizagem. Logo, é importante analisar a importância do profissional da educação (professor) e sua mediação diante dos conflitos nos sentimentos do educando. Entretanto, através de alguns estudos bibliográficos de alguns autores como Damásio, Moreira, Castro, Fonseca e Franco, frisa-se a importância da mediação do professor em sala. O conhecimento que o educador tem, muitas vezes não basta. Há por trás o vínculo que precisa ser estabelecido entre o professor e o aluno e, muitas vezes, a compreensão de como a criança pode ser motivada a aprender. Para tanto é importante que o professor tem conhecimento de algumas teorias do conhecimento. Sabe-se que criança é um indivíduo inserido na sociedade e que precisa ter uma base forte desde a educação infantil para que ela saiba viver em sociedade com autonomia.

PALAVRAS-CHAVE

Relação professor-aluno, mediação, aprendizagem, emoções, motivação.

INTRODUÇÃO

O pensamento e a linguagem são originalmente distintos. Primeiro o pensamento não é verbalizado e a linguagem não é mental. Ao decorrer do processo de desenvolvimento da criança, em torno dos dois anos, é que as duas linhas do desenvolvimento do pensamento e da linguagem se cruzam, formando assim novos comportamentos. Só a partir deste ponto é que o

¹ Graduanda em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – Avaré-SP – Brasil – 2021.

² Docente Orientador - Pedagogia - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - Avaré-SP.

pensamento começa a ser verbalizado e a linguagem intelectualizada (PRÄSS, 2012). Assim sendo, desde a infância a consciência fica entre um indivíduo e o outro, pois ela não acontece devido a influência de outros, mas sim entre pessoas, pois uma pessoa só se conhece conhecendo outros indivíduos. Por tanto, é de fundamental importância que o professor entenda a história de vida do educando para que assim ele compreenda as atitudes tomadas pela criança e o porquê de ele agir de tal maneira (ALEXANDROFF, 2012).

Segundo Castro (2002) o ser humano consegue obter lembranças mais facilmente quando são marcadas emocionalmente, com tudo, para que o indivíduo alcance o que é considerado bom para ele e que traga sentimentos positivos, é de fundamental importância a memória, é através dela que o ser humano aprende o que traz ou não prazer, ocorrendo assim o armazenamento de informações.

Damásio (2015) discorre que todo ser humano tem emoções e, no cotidiano, vive-se buscando a felicidade, tentando evitar ao máximo emoções desagradáveis, as emoções do ser humano não são baseadas apenas em prazeres ou medos, mas também em momentos. Por tanto, a emoção tem que ter a presença da consciência para que assim o indivíduo seja influenciado pela emoção, porém a emoção é induzida sem que o indivíduo saiba.

Para entender como as emoções funcionam, Fonseca (2016) aponta que, os aspectos comportamentais bons ou ruins que afetam expressões do ser humano se resultam nas emoções, como a motivação, o cognitivo e a personalidade da criança, onde essas expressões são de muita importância para a aprendizagem e para a interação com outros indivíduos. Além dos aspectos comportamentais, Moreira (1999) aponta três tipos de conhecimento: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. Em termos de ensino menciona-se também três abordagens: comportamentalista, cognitiva e a humanística. Estes três tipos de conhecimento e os três termos de ensino serão mais bem abordados ao longo deste trabalho.

Vygotsky (1978, apud FINO 2001), traz outra ideia para o desenvolvimento da mente, a Zona de Desenvolvimento Proximal que será mais bem abordado ao longo deste trabalho. Nesta abordagem atua-se a melhor compreensão do desenvolvimento da criança e permite melhorar os processos mentais que já estão formados e os que ainda estão se formando. As interações estabelecidas em sala de aula, que é outro aspecto muito importante, são construídas de diferentes maneiras perante a atuação do profissional da educação (MELLO E RUBIO, 2013). Para que haja o ensinar e aprender entre o professor e o aluno, o professor deve estabelecer uma boa relação com a criança. Quando o educando consegue estabelecer esse vínculo, acaba por ser facilitado a aprendizagem e atribui-se significado para ela.

Por tanto, este trabalho tem como objetivo entender como a emoção e a sociedade em que a criança vive influenciam na aprendizagem e identificar como o docente pode agir diante de determinadas situações que ocorrem fora da instituição, que se resultam em sentimentos que o educando leva para dentro da sala de aula e que compromete sua aprendizagem. O docente, sabendo mediar este tipo de situação, é de crucial importância para que o abalo emocional interfira de forma menos prejudicial na aprendizagem, não interferindo também na fixação da memória.

1. DESENVOLVIMENTO

1.1 Emoções e memória.

Para Castro (2002) usa-se o termo emoção para se referir a sentimentos e humores expressados pelo corpo de cada indivíduo. Quando o ser humano se refere a emoção, ele é levado a pensar em alegria ou tristeza, gerando uma ideia equivocada de que só quando está feliz ou triste é que uma pessoa se encontra emocionada. As emoções dão ao ser humano caminhos para os comportamentos, sendo assim de fundamental importância para que ocorram as ideias e sentimentos (SANTOS, 2007). Porém, definir o que são as emoções é mais complicado pois há uma grande variedade de emoções.

Dentro do campo das emoções, segundo Perguer (2008, apud ADÃO e NASCIMENTO 2013), há as emoções primárias que diferenciam os seres humanos de outros seres. São elas: alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa. O indivíduo é levado a lembrar com mais facilidade quando está em um estado emocional igual do que quando está sentindo emoções diferentes e, levando isso para dentro da sala de aula, na aplicação de uma avaliação, o aluno terá mais dificuldades na realização das questões pois a criança está em um estado emocional totalmente diferente. Na maior parte do tempo não se sente todas as emoções chamadas “primárias” (SANTOS, 2007). Não há como estar em estado de alegria ou tristeza por um período longo, a não ser quando se trata de diferentes patologias, mas o indivíduo pode sentir diversos outros tipos de sentimentos.

As emoções podem ser divididas em dois grupos: as emoções primárias e as emoções secundárias (CASTRO, 2002). As emoções primárias são pré-organizadas e instintivas, ou seja, o indivíduo pode agir por instinto, pois já está pré-organizado. Já as emoções secundárias se desenvolvem baseadas nas primárias, se desenvolvendo a partir da interação que o ser humano tem com seu meio social. A memória é estimulada através da importância que se é dado a determinadas situações.

Por tanto, as emoções são parte fundamentais para a aprendizagem da criança, uma vez que ela se sinte bem com o que está fazendo, não havendo mudanças de humor. As emoções ajudam na concentração e na memorização, onde o indivíduo acaba dando um maior ou menor valor ao que aprende. As emoções fazem diferença significativa na aprendizagem (FONSECA, 2016).

Kandel (2009, apud ADÃO e NASCIMENTO 2013) discorre sobre a memória que está sempre se refazendo e as lembranças sendo modificadas um pouco. Desta maneira, nem todas as memórias são possíveis de serem lembradas e sentidas da mesma forma, porém, graças à memória de longo prazo, o cérebro faz com que sejam ativadas as mesmas áreas cerebrais de quando o indivíduo viveu certa experiência.

É possível apontar, segundo Mapurunga e Carvalho (2018) que a memória é capaz de registrar, guardar e recuperar informações e por isso é considerado crucial para a aprendizagem. A memória de longo prazo é um processo de repetição e construção que envolve diferentes processos, assim torna o processo estável.

Porém, não há como citar a memória sem discorrer sobre o esquecimento. Segundo Mota (2000) a teoria da interferência explica o porquê ocorre o esquecimento. Quanto mais experiências o indivíduo tem, uma atrás da outra, vai causando o esquecimento da antecessora e, com o tempo, espontaneamente a primeira volta a competir com a última e é essa competição que causará esquecimento. A memória de trabalho é um sistema cerebral que atua para a manutenção das informações.

1.2 Relação com o outro.

Vygotsky (1991, apud TASSONI e LEITE 2011) aponta que a internalização que ocorre quando o ser humano se apropria dos meios culturais se dividem em dois planos. O primeiro chama-se nível social, que engloba toda e qualquer interação entre pessoas. O segundo, nível individual, sendo transmitido no interior da criança.

Para Damásio (2000, apud SANTOS 2007) as emoções têm um papel muito importante na interação com o outro. É assim que cada indivíduo aprende a se adaptar e viver em sociedade além de também ter forte influência na aprendizagem da criança. Assim, as emoções atuam para a sobrevivência do ser humano e anda interligada com os sentimentos.

Porém, para que ocorra as emoções, a influência dos acontecimentos externos, sejam eles agradáveis ou não, é de fundamental importância. Toda a trajetória da criança é marcada pelas emoções, pois sua vida toda é entorno do social e todas as ações que a criança toma, em diferentes tipos de situações, sejam elas quais forem, são permeadas pelas emoções (FONSECA, 2016).

Segundo Veras e Ferreira (2010) são as emoções que unem as pessoas, trazendo o que há de mais íntimo entre elas e, essa relação entre os sujeitos, é o que leva a formação da estruturação de consciência, tendo início desde os primeiros anos de vida dos indivíduos ganhando forças através das emoções, sendo assim, a consciência tem origem através das emoções.

Santos (2007) destaca que as emoções básicas surgem em situações que pode ocorrer por propagação entre grupos, mesmo que não dure por longos períodos, ou seja, as emoções podem ser contagiantes e transmitidas pelos indivíduos pois quando se está em sala de aula há a manifestação de diversos sentimentos e emoções. Por tanto a criança deve evoluir e crescer em sociedade, onde ela aprenderá a lidar com diferentes situações e sentimentos entre diferentes pessoas. Em sala de aula, essa interação social com os colegas, acontecerá através da mediação do professor (SILVA e NAVARRO 2012).

Para Mello e Rubio (2013) o processo da educação não é apenas o professor repassar para o aluno o que ele julga ser correto, mas sim estabelecer uma relação para que o aluno tenha conhecimento sobre si mesmo e do próximo, aceitando o outro com suas semelhanças e diferenças e reconhecendo seu papel dentro da sociedade.

As emoções possibilitam a interação com outros indivíduos provocando a criança a obter respostas emocionais diante dos colegas. Por isso, é certo afirmar que, as emoções fazem parte do ser humano constantemente e influenciam as vivências do ser humano e o resultado que se dá pelas experiências vividas (SILVA e NETA, 2017).

Franco (2009) discorre que as interações sociais não destroem a existência do indivíduo, ou seja, a consciência pode ser entendida mesmo diante das vivências da criança, por isso é tão importante a linguagem. O dia a dia das crianças que possuem históricos de fracassos dentro das escolas é influenciado por muitos fatores onde até mesmo a autoestima da criança entra em peso. As vivências prejudiciais à aprendizagem devem ser solucionadas e, tanto o professor como a família, precisam oferecer ao aluno situações onde ele consiga organizar melhor seus pensamentos.

1.3 Teorias da aprendizagem.

As teorias que abrangem o cognitivo possibilitam o próprio conhecimento ou desenvolvimento do indivíduo envolvendo processos mentais, por tanto, todo comportamento do indivíduo que precise envolver conhecimentos é considerado uma expressão de processos internos, são estes processos considerados como cognição e conhecimento (LAMPREIA, 1992).

Como já citado acima, há três tipos de conhecimento. O primeiro é o cognitivo, que traz o armazenamento organizado das informações que a consciência recebe, o afetivo são os sinais e experiências que a pessoa internaliza, como o prazer, dor, alegria etc. Psicomotor são respostas musculares que o indivíduo recebe através de experiências (MOREIRA, 1999).

Menciona-se também três abordagens de ensino: comportamentalista, que considera quem aprende um ser que responde a estímulos que vem do mundo exterior e que resultam em possíveis mudanças comportamentais da criança. A cognitiva que, quanto mais a criança aprende, mais ela atribui significado para sua própria realidade e a humanística, que considera o indivíduo como pessoa, sendo o aluno livre para poder fazer suas próprias escolhas (MOREIRA, 1999).

Os três tipos de conhecimento se relacionam, pois uma precisa da outra, ou seja, para que ocorram as respostas musculares, a criança organiza as informações na consciência através das experiências vividas. As abordagens de ensino aprimoram os conhecimentos, ou seja, através da comportamentalista há as respostas musculares, pois, considera-se que o indivíduo responda a estímulos, cognitiva está ligado diretamente com a organização das informações, a criança precisa organizar o que aprende e humanística que, o aluno sendo livre, tem um ganho de experiências que a criança internaliza.

Para Cordazzo e Vieira (2007) na ludicidade utiliza-se as brincadeiras e jogos que, muitas das vezes, são considerados iguais. Porém há uma diferença relevante entre os dois, a brincadeira é livre, é uma atividade que não possui uma estrutura correta e tem influência diante do desenvolvimento emocional e da personalidade do educando, já os jogos possuem regras e uma estruturação, fazendo com que a criança aprenda normas para viver em sociedade.

Perante o desenvolvimento intelectual do ser humano, Vygotsky (1984, apud Zanella 1994) cita duas definições em níveis. O nível de desenvolvimento real, que compreende toda resolução de problemas que a criança consegue resolver sozinha, onde a criança já tem funções psicológicas formadas para que, a partir dos conhecimentos prévios consiga resolver sozinha as atividades propostas. O outro nível denomina-se nível de desenvolvimento potencial que abrange as atividades que a criança não consegue chegar a uma resolução sozinha, mas sim com a ajuda de outro alguém, seja um adulto ou outra criança. Vygotsky, indica que o nível de desenvolvimento potencial é melhor para o desenvolvimento da criança pois se trata do que ela ainda tem para aprender, ao contrário do nível de desenvolvimento real que se trata do passado, onde aborda o que a criança já aprendeu. No meio destes dois níveis há a Zona de Desenvolvimento Proximal que são as funções da criança que ainda não se desenvolveram mas que estão em construção, ou seja, é a diferença entre os dois níveis abordados acima. As

interações sociais que se iniciam na escolarização, trazem consigo o aspecto da imitação que contribui significativamente para a aprendizagem, a imitação é o principal mecanismo para o desenvolvimento.

Vygotsky (1978, apud FINO 2001) diz que a Zona de Desenvolvimento Proximal cria caminhos para a formação e desenvolvimento da criança, por tanto, se o educador ficar insistindo em níveis de aprendizagem que já foram atingidos a criança não evoluirá. O professor tem que apontar caminhos para que a criança siga para novos níveis de evolução.

Präss (2012) apresenta a Teoria de Aprendizagem por Descoberta, onde o aluno precisa estar disposto a aprender, os conteúdos precisam estar organizados de forma esclarecedora para o educando e deve haver estímulo do professor para com os alunos, assim as crianças têm participação ativa entre os conceitos trabalhados.

Alexandroff (2012) discorre sobre a motricidade emocional que envolve as relações do indivíduo com o meio. É uma reação a situações diversas de seu cotidiano e auxilia a criança com seus relacionamentos no meio em que vive. Também há a sensibilidade emocional que permite à criança internalizar as coisas do mundo externo.

As teorias de aprendizagem neste trabalho são relacionadas aos processos mentais da criança onde atuam o cognitivo e o conhecimento, onde se desempenha também os tipos de conhecimento e as abordagens de ensino que por sua vez caminham juntas, a ludicidade que auxilia para o desenvolvimento emocional e a personalidade da criança fazendo com que a criança aprenda a existência de regras para viver em sociedade, os níveis de desenvolvimento e a zona de desenvolvimento proximal que estão presentes na criança auxiliando ainda mais na aprendizagem, onde se faz presente também as relações que o indivíduo tem na sociedade que é inserido, fazendo com que as teorias de aprendizagem se tornem tão importantes para a aprendizagem quanto para a socialização do indivíduo.

2.4 Influências da emoção e do ambiente familiar na aprendizagem.

A Educação infantil antigamente não era tão valorizada pois as crianças eram consideradas adultos em miniaturas. Hoje por outro lado se valoriza muito e a criança visto que é considerada como um membro da sociedade que tem suas particularidades, por isso precisa-se de um olhar específico para elas (CARDOSO, 2015).

Para Mosquera e Stobäuss (2006) os sentimentos têm um impacto muito grande no desenvolvimento cerebral também, que resulta influenciando a aprendizagem. Pode-se dizer que o cérebro é uma fábrica e os sentimentos são os resultados. As pessoas vivem em um círculo social e é neste âmbito que ela estabelece suas interações, assim a criança aprende com quem

se afeiçoar e desperta novos sentimentos e emoções. A escola pode ser um ambiente que propicia, estimula e valoriza o aluno, sendo através da saúde ou desenvolvendo sua inteligência, é onde também a criança desenvolve sua imaginação.

Porém, em certos momentos que a criança se encontra em crise emocional, se o professor não souber lidar com a situação, o educando irá contagiar todos que estiverem por perto. O professor não pode deixar-se envolver na situação, mostrando-se irritado se o aluno tiver atitudes de rebeldia pois pode prejudicar ainda mais a criança e o vínculo estabelecido, o professor deve refletir se algumas situações se agravam por parte dele próprio pois crises emotivas há uma tendencia maior quando há plateias (ALEXANDROFF, 2012).

Ao ter mais atenção para as emoções, o indivíduo pode escolher dar mais ênfase ao que está sentindo ou pode mudar o sentido, não deixando-se levar pelas emoções. Quando o indivíduo aprende a lidar com suas emoções, torna-se mais maduro e responsável. Quando a aprendizagem começa a ter sentido para a criança, nela irá se criar diversos questionamentos em volta de seus comportamentos e desejos e quais as consequências deste caminho a ser percorrido (ARAGÃO, 2008).

Para Silva e Neta (2017) tende-se a separar a razão da emoção, e a razão passa a receber mais importância, havendo mais pesquisas sobre ela. A emoção ficou considerada como afetiva, onde elas deveriam ser neutralizadas para que não atrapalhassem na aprendizagem. Por outro lado, atualmente sabe-se que não se deve separar a emoção da razão pois uma auxilia no desenvolvimento da outra além de funcionarem melhor juntas. Por tanto, o professor não deve pensar que as emoções são um problema, pois nenhum ser é apenas racional, todos carregam emoções dentro de si.

Graças a estudos sobre as emoções e a razão pode-se ressaltar a importância dos dois aspectos no desenvolvimento e sucesso do ser humano ao longo da vida. Bartholomeu, Sisto e Rueda (2006) apontam sobre os traços de personalidade e o desempenho nos estudos, em que as crianças, algumas vezes, demonstraram dificuldades na aprendizagem, tendo presente a ansiedade como emoção pertinente em relação ao desempenho dificultoso em sala.

É na família que a criança tem seu primeiro aprendizado comportamentalista, é também onde ela aprende seus valores e sua condição de vida perante as classes sociais pois esta condição está imposta à vida da criança muito antes dela nascer e essa noção de meio familiar a criança ganha através da mediação de outras pessoas. Já na escola a criança vive um processo social diferente do familiar, na escola ela aprenderá novos hábitos e internalizará novas noções de realidade mediadas por outros portadores sociais (MIRANDA, 1989).

Carvalho (2000) aponta que geralmente a família, muitas das vezes, está por trás do sucesso ou fracasso escolar das crianças, pois a participação dos pais na educação envolve a família e a escola como espaços educativos, mas para que ocorra tal interferência da família na educação é envolvido o nível de escolaridade dos pais. Quando há o “dever de casa”, acaba por muitas das vezes, sobrecarregar ainda mais as mães do que os pais, este modelo de parceria entre família e escola impõe-se pensando em famílias de classe média onde o foco da mãe geralmente é nos filhos e no lar.

Para Souza, Hickmann, Asinelli-Luz e Hickmann (2020) o convívio familiar para a criança é de extrema importância para a aprendizagem, mas também há o papel do professor que é um grande responsável por mediar a relação com o aluno e entre os alunos com o conhecimento, o nível intelectual que o professor tem vai fazer muita diferença também para a construção da aprendizagem dos educandos.

A escola precisa ter um objetivo pautado na construção de conhecimento dos escolares e promover aos mesmos o seu desenvolvimento, principalmente na primeira etapa da educação infantil onde acontece o maior desenvolvimento da criança. A família e a escola precisam proporcionar à criança um espaço saudável para a aprendizagem, por isso se torna tão importante essa parceria (SILVA e KAULFUSS, 2020).

Segundo Alexandroff (2012) há uma fase da vida da criança que se chama “personalista” que ocorre entre os três e seis anos de idade. Nesta fase a criança pode aprender a conviver com outros indivíduos, sejam estes da mesma idade ou mais velhos, fora do âmbito familiar. Portanto, esta fase é muito importante para a pré-escola, lá a criança pode perceber-se independente dos adultos que a cercam e descobrir que é um ser que pode modificar-se e se juntar a outros grupos fora da família.

São as interações assimétricas que se constituem nas relações com indivíduos que a criança mais convive, como a família, a escola e entre os próprios colegas, essas relações são baseadas em seres mais competentes ou não, com níveis de saberes diferentes (PEIXOTO E MENÉRES, 1997, apud WINNYKAMENN 1990).

2.5 Mediação do professor

Alexandroff (2012) aponta que o papel do professor é constituir-se como leitor e escritor para que assim possa constituir o aluno. É importante que o professor saiba resolver suas próprias dificuldades, saber colocar limites às ações da criança quando necessário e ter uma boa relação afetiva com os alunos.

Segundo Tassoni e Leite (2011), a relação que o professor tem com o aluno se dá entre o vínculo do aluno com o conhecimento, assim o educando, na medida em que aprende, motiva-se também. O valor que o aluno dá às ações do professor transforma-se em afeto diante do conhecimento.

Para Fonseca (2016) é de fundamental importância que o professor saiba mediar e criar uma relação boa com os alunos para que assim se crie um vínculo emocional e afetivo positivo para a aprendizagem. Na infância, são as emoções que abrem caminho para o conhecimento, porém, as emoções também fazem surgir os papéis cognitivos mais complicados. Da mesma forma, se a relação do professor com o aluno for ruim, o aluno sofrerá emocionalmente e se frustrará. Por isso, é de extrema importância que, a emoção ande com a aprendizagem pois, sem a emoção, a aprendizagem fica mais difícil.

Campaner, Bellanda e Faria (2002) apontam que para que o aluno assimile e internalize a aprendizagem, é preciso que antes seja estruturado a relação entre o aluno, o conhecimento e o professor. Por mais que para acontecer o desenvolvimento da criança precisa acontecer a aprendizagem, muitas das vezes o educador não ensina com a intenção do processo cognitivo da criança seja desenvolvido. Para que haja uma compreensão verdadeira, é preciso que aconteça interações.

Ensinar não é uma transmissão de conhecimento. É mais do que o professor transmitir e o aluno receber, mas sim ter uma relação de ensino e aprendizagem. Há a necessidade de motivação por parte do professor para com os alunos, assim sendo, o professor tem um papel muito importante em facilitar a aprendizagem, mediar as atividades, não fazendo o aluno como um depósito (SILVA E NAVARRO, 2012).

Para Mello e Rubio (2013) a mediação junto com o trabalho pedagógico do docente vinculado com sua relação com o aluno é muito importante para a aprendizagem da criança. O professor deve saber ouvir o aluno dando relevância ao que a criança quer expor, pois muitas das vezes o educador não dá a importância devida para as ideias da criança.

A educação das crianças dependerá do profissional e de sua qualificação pois a criança precisa de segurança e aprenderá muito mais se relacionando com seus colegas por intermédio do professor, gerando indivíduos autônomos. Se o professor tiver paciência e puder e souber conhecer seus alunos, isso fará toda diferença na aprendizagem da criança (CARDOSO, 2015).

Entretanto não basta apenas que o professor forneça os conteúdos sem saber apresentá-los. O professor tem que dar um ponto de partida e um ponto de chegada. Os conteúdos devem ser definidos para uma melhor compreensão do aluno, assim a criança aprende através de diversos meios, um deles sendo a investigação (PRÄSS, 2012).

Considerações finais

Os pesquisadores nem sempre deram valor a estudos sobre a Educação Infantil, as crianças eram consideradas adultos em miniaturas. Por outro lado, atualmente, há muitos estudos sobre este assunto pois a criança é considerada como um membro da sociedade. Nesta sociedade, os primeiros relacionamentos que a criança possui é na família e depois, em grande parte, na instituição escolar.

É na família que a criança aprende seus princípios comportamentalistas e valorativos. Na instituição escolar ela aprende outras formas de interação e aprende a viver em sociedade respeitando cada indivíduo com sua particularidade.

Quando a criança ingressa para a escola, o professor deve saber mediar seu relacionamento com a criança e entre a criança e os colegas. O nível intelectual do professor muitas das vezes não é suficiente para que a criança aprenda, existem outros fatores, o vínculo estabelecido irá influenciar significativamente na aprendizagem pois a criança precisa se sentir segura. Porém o educando leva consigo para a instituição escolar suas emoções e sentimentos que tem um impacto muito grande na aprendizagem, pois a criança tem diversas experiências e diversos relacionamentos, tanto dentro como fora da escola, que irão resultar em manifestações de sentimentos, podendo haver mudanças de humores.

Na infância são as emoções que abrem caminhos para o conhecimento. Pode-se dizer que a criança sofre diversas mudanças de sentimentos durante o dia que podem contagiar outras crianças que estiverem por perto e até mesmo o professor. O educador não deve se deixar influenciar, se a criança estiver abalada emocionalmente, vai prejudicar ainda mais a criança, o laço afetivo construído pode-se desconstruir e o aprendizado até mesmo regredir ou estagnar. O educador deve procurar entender o porquê de o aluno agir de tal maneira, o que a criança está vivenciando em casa, pois ele leva para a escola os problemas que enfrenta em casa também. Quando o professor entende o porquê de ela agir de certa maneira, saber interpretar as emoções do aluno e ajudá-lo, a criança irá conseguir melhor aprender.

Em sala de aula, o papel do professor não é apenas transferir conhecimento, mas sim atribuir à criança significado ao que ela aprende, é abrir e apontar caminhos, pois não há aprendizado se a criança for mero copista, o aluno tem que participar, deve haver interação entre as partes, com a própria criança trilhando caminhos para que chegue ao resultado final, com ponto de saída e ponto de chegada guiados pelo professor e, mesmo que a criança leve para a escola vivências ruins do meio familiar, na escola ela deve se sentir segura e motivada a aprender mesmo com as adversidades.

Para auxiliar neste processo, o professor pode tomar conhecimento de diversas teorias de aprendizagem onde estas o auxiliam a como lidar diante de algumas situações e entender o processo das emoções da criança. Porém o professor deve levar em consideração que emoção é distinta do humor. As emoções têm duração a curto prazo, ou seja, pequenos momentos de alegria ou tristeza, por exemplo. Já o humor é um sentimento, animado ou deprimido por exemplo, mais duradouro.

Com isso, é possível dizer que as emoções fazem parte do ser humano desde quando se é um bebê. À medida que esse indivíduo cresce e se desenvolve, tanto fisicamente quanto psicologicamente, estando inserida no meio social, ela vai aprender a interagir com outros indivíduos, desde no âmbito familiar até na instituição escolar criando laços com colegas e professores. Porém a criança leva suas vivências de casa para a escola, se forem negativas, podem interferir no aprendizado com o professor se deparando com um aluno abalado emocionalmente, podendo contagiar a todos os colegas e, inclusive, o professor. Saber mediar tais situações, não oprimindo ainda mais a criança, levará o professor a uma solução da situação.

CARDOSO, M. G.; Importância da afetividade na educação infantil. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. Dez. 2015. p. 9-36. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10463/1/PDF%20-%20Michelle%20Gertrudes%20Cardoso.pdf>. Acesso em : 05 nov. 2021.

CARVALHO, E. B.; MAPURUNGA, L. A.; A memória de longo prazo e a análise sobre suas funções no processo de aprendizagem. Londrina. n. 1, 2018. V. 19. Revista Ensino Educação de Ciências Humanas, p. 66-72. Disponível em: [file:///C:/Users/prisc/Downloads/4081%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/prisc/Downloads/4081%20(1).pdf). Acesso em : 02 nov. 2021.

CARVALHO, M. E.; Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. Caderno de pesquisa, n. 110. Jul. 2000. p. 143-155. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/HT5GHGQWRRjKW85grgV3vdd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 10 nov. 2021.

CASTRO, J. S.; Emoções e memória. Reflexões sobre a influência dessa relação na aprendizagem de leitura. Porto Alegre. V 37. n. 2, junho 2002. Letras de hoje, p. 25-36. Disponível em: <file:///C:/Users/prisc/Downloads/14171-Texto%20do%20artigo-54283-1-10-20130620.pdf>. Acesso em : 02 nov. 2021.

CORDAZZO, S. T; VIEIRA, M. L.; A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Rio de Janeiro. v. 7. n. 1, abr. 2007. Estudos e Pesquisas em Psicologia, p. 92-104. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844613011.pdf>. Acesso em : 03 nov. 2021.

DAMÁSIO, A.; O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Editora Companhia das Letras. 26 mai.2015. p. 312. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ffj4CQAAQBAJ&dq=dam%C3%A1sio&lr=lang_pt&hl=pt-BR&source=gsb_navlinks_s. Acesso em : 21 out. 2021.

DAMIANI, M. F.; NEVES, R. A.; Vygotsky e as teorias da aprendizagem. UNIrevista. v. 1. n. 2. abr. 2006. p. 1-10. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky%20e%20as%20teorias%20da%20aprendizagem.pdf?sequence=1>. Acesso em : 12 nov. 2021.

FERREIRA, S. P.; VERAS, R. S.; A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. Curitiba. n. 38, set-dez 2010. Educar em Revista, p. 219-235. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/mFY9kNRcyMxMVzRKpwBCJLN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em : 03 nov. 2021.

FRANCO, A. F.; O mito da autoestima na aprendizagem escolar. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). V. 13, n. 2. Jul/dez 2009. p. 325 – 332. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/fH6jBSJQrVdfCXbBDW8CS9x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 12 nov. 2021.

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Revista Psicopedagogia. V. 33, n 102, p 365 – 384, São Paulo, 2016. Disponível em : [Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica \(bvsalud.org\)](https://bvsalud.org/publication/Importancia-das-emocoes-na-aprendizagem-uma-abordagem-neuropsicopedagogica). Acesso em : 28 out. 2021.

KAULFUSS, M. A.; SILVA, C. G.; A importância da família na educação infantil. Revista Eletrônica de Ciências Aplicadas FAIT. 2020. p. 1-10. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NWgq2JCop9F9YwD_2017-1-21-11-14-37.pdf. Acesso em : 10 nov. 2021.

LAMPREIA, C.; As propostas anti-mentalistas. PUC- Rio de Janeiro. Certificação Digital nº 8526601/CA. 1992. p. 1-26. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/8526601_92_cap_01.pdf. Acesso em : 08 nov. 2021.

LEITE, S. A.; TASSONI, E. C.; Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. Piracicaba. n. 2, Jul – dez 2011. Comunicações, p. 12. Disponível em: [Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar | Martins Tassoni | Comunicações \(metodista.br\)](https://metodista.br/revista/comunicacoes/Um-estudo-sobre-emocoes-e-sentimentos-na-aprendizagem-escolar-Martins-Tassoni-Comunicacoes). Acesso em : 21 out. 2021.

MENÉRES, S.; PEIXOTO, F.; Interações sociais e aprendizagem. A influencia do estatuto do par nas dinâmicas interactivas e nos processos de resolução. p. 269-281. 1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Peixoto/publication/317473957_Interaccoes_sociais_e_aprendizagem_A_influencia_do_e_statuto_do_par_nas_dinamicas_interactivas_e_nos_procedimentos_de_resolucao/links/5ac69fda0f7e9bcd51931ed7/Interaccoes-sociais-e-aprendizagem-A-influencia-do-estatuto-do-par-nas-dinamicas-interactivas-e-nos-procedimentos-de-resolucao.pdf. Acesso em : 06 nov. 2021.

MIRANDA, M. G.; Psicologia social. O homem em movimento. 8. ed. [São Pulo]: Editora brasiliense. 1989. p. 125-135. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/44188598/LIVRO_-_Psicologia_social_-_o_homem_em_movimento_-_LANE_Silvia_CODO_Wanderley_Orgs-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1636197245&Signature=LVEKE7AUBPhqu5I494kqhVDsOGTIV1QH_WjEwrNU0yGamJAJLUVjYvJi6s9e60MdvE36kV785b2~15nbm-fB4FpohSdjl3x2iCgp9~m9RMh2U-p2UAYsnGas4~jeFmqe9Ymiya~UoMMuMCpEpo7JI0M8ttQjrs6G-iiSdvSRICH5N5zZVeoP4sI3yIbgrfuQMTvoQTsMmq~n9itzDk7l~6EptFq5aDlfs~e6pTzd6s7CgN4nvsUhAIn~a2lfWr-mq0ZImWBi~qwiCBXMSd~Px7UbmpZ~SU6AVdQgJg1XRKzphEcRe6bWEf702CbCtXpJHq9Anqc3RQ43RIZgyigRbSA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=124. Acesso em : 06 nov. 2021.

MOREIRA, M. A.; Teorias de Aprendizagem. São Paulo – EPU: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1999, 149 p. Disponível em: [Cap 9 Moreira.pdf \(pbworks.com\)](#). Acesso em : 21 out. 2021.

MOSQUERA, J. J.; STOBÄUS, C. D.; Afetividade: A manifestação de sentimentos na educação. Porto Alegre – RS. N. 1 (58), Ano XXIX, jan – abr 2006. Educação, p. 123 – 133. Disponível em: [Vista do Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação \(puhrs.br\)](#). Acesso em : 22 out. 2021.

MOTA, M.; Uma introdução ao estudo cognitivo da memória a curto prazo: da teoria dos múltiplos armazenamentos a memória de trabalho. SCIELO Brasil. Campinas. 17 dez.

2000. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VRT8whGvYQwvpf8qdFVdWMN/?lang=pt>. Acesso em :
2 nov. 2021.

NAVARRO, E. C.; SILVA, O. G.; A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. v. 3. n. 8, 2012. Revista Eletrônica da Univar, p. 95-100. Disponível em:
<https://unioeste.br/portal/arquivos/pibid/docs/leituras/A%20rela%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20professor-aluno%20no%20processo%20ensino-aprendizagem.pdf>.
Acesso em : 03 nov. 2021.

NETA, N. F.; SILVA, F. F.; Afetividade e ensino-aprendizagem: influência favorável na relação professor-aluno-objetivo de conhecimento. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas. v. 17. n. 31. Jun/jul 2017. p. 31-49. Disponível em:
<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2056>. Acesso em : 11 nov. 2021.

PRÄSS, A. R.; Teorias de Aprendizagem. ScriniaLibris.com. 05 de 2012. p. 1-57. Disponível em: https://www.fisica.net/monografias/Teorias_de_Aprendizagem.pdf. Acesso em : 08 nov. 2021.

SANTOS, F. M.; As emoções nas interações e a aprendizagem significativa. Belo Horizonte. v. 09. n. 02, jul-dez 2007. Revista Ensaio, p. 173-187. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/epec/a/jVJt79Q5yXpjfyWGD3BrJKs/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em : 03 nov. 2021.

ZANELLA, A. V.; Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. Temas em psicologia. Ribeirão Preto, v. 2, n. 2. p. 97 – 110. Ago. 1994. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200011.
Acesso em : 16 nov. 2021.